

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM SANANDUVA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

ALBENIR CONCOLATTO

A PRODUÇÃO ORGÂNICA E AGROINDUSTRIAL NO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTAVEL DA AGRICULTURA FAMILIAR

SANANDUVA-RS

2016

ALBENIR CONCOLATTO

**A PRODUÇÃO ORGÂNICA E AGROINDUSTRIAL NO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTAVEL DA AGRICULTURA FAMILIAR**

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável Na UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Unidade Universitária em Sananduva - RS

Orientadora: Prof^a. Me. Márcia Regina Maboni Hoppen Porsch

Co-orientador: Prof^o. Me. Gerônimo Rodrigues Prado

Aprovado em 15/06/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Marcia Regina Maboni Hoppen Porsch
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Me. Gerônimo Rodrigues Prado
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Co-orientador e Examinador

Prof. Me. Oberdan Telles da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Examinador

Prof. Me. Rodrigo Sanchotene Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Examinador

A PRODUÇÃO ORGÂNICA E AGROINDUSTRIAL NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL DA AGRICULTURA FAMILIAR

Albenir Concolato¹

E-mail: albenirconcolato@hotmail.com

RESUMO

O trabalho é resultado de uma pesquisa do curso de Especialização em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). O estudo justifica-se por perceber que a busca por alimento de qualidade tem impulsionado o mercado de produtos ecológicos, que cresce constantemente. Assim também o crescente interesse da academia em conhecer mais sobre a produção agroecológica de alimentos e seus benefícios a saúde, ao meio ambiente e à diversidade alimentar, poucos trabalhos têm buscado conhecer e caracterizar a diversidade de produção ecológica, fato este que levou a mapear a diversidade de produção de alimentos produzidos por Agricultores Familiares que se encontram na área de atuação do Centro de Tecnologias Alternativas e Populares (CETAP), tendo o município de Sananduva – RS, como ação. A pesquisa realizou-se no período de janeiro de 2016 a abril de 2016, contendo os dados das 8 famílias que trabalham com a agroecologia e das 7 famílias que possuem agroindústria e comercializam seus produtos na feira ecológica de Sananduva. Foram realizadas visitas aos agricultores familiares que trabalham com agroecologia, aplicando-se um questionário semiestruturado com questões de múltipla escolha e abertas, abordando a faixa etária dos agricultores, principais dificuldades em trabalhar com agroecologia, diversidade de produtos in naturas e de produtos processados entre outras características. Os resultados obtidos mostram que a produção ecológica está focada apenas para a comercialização em pequena escala. O principal ponto de venda desses produtos é a feira ecológica. Percebe-se um crescimento significativo na procura por alimentos ecológicos, o que tem despertado e desafiado os agricultores a aumentarem sua produção e disponibilizar para outras dinâmicas de comercialização, a fim de agregar renda.

Palavras-chave: Agroecologia. Sustentabilidade. Feira Agroecológica. Agricultura Familiar.

1 - INTRODUÇÃO

A diversificação agrícola historicamente se faz presente nos sistemas tradicionais de agricultura, onde os agricultores aprenderam a desenvolver técnicas de produção com base em sementes próprias “crioulas”, com técnicas de roçadas e queimadas; com revolvimento de solos com equipamentos rústicos, manuais ou de tração animal; com pouca reposição de fertilidade e rotação de culturas.

Existe uma tendência cada vez maior dos agricultores familiares de abandonar os sistemas tradicionais de cultivo, com o uso das próprias sementes, da utilização de insumos produzidos através da matéria orgânicos nas propriedades, uso de mão de obra e tração animal,

¹ Bacharel em Administração, Assessor Técnico, CETAP.

rodízio de terras e uso do fogo. Neste sistema se encontravam algumas desvantagens, como o esgotamento da fertilidade e a erosão pelo revolvimento do solo e o uso do fogo, entretanto, com grandes vantagens, em especial pelo controle que o agricultor familiar tinha de sua produção, o domínio das sementes e o preço mais justo através da comercialização direta ou da troca com outros produtos.

As trocas de produtos e sementes entre as famílias criam alternativas para a geração de renda da agricultura familiar e a diversificação da propriedade. Diante disto, torna-se necessário estratégias que possibilitem aos agricultores mais rendas e melhores condições de vida. A diversificação é percebida como uma dessas alternativas, entre elas está a produção agroecológica e a agroindústria familiar como formas de agregar valor e proporcionar o desenvolvimento rural sustentável, através da comercialização em feira agroecológicas.

O trabalho teve como objetivo principal caracterizar o agricultor agroecológico assim como suas estratégias de comercialização e o potencial de consumo desses produtos, identificar a variedade na produção de alimentos orgânicos *in natura* e processados que são comercializados na Feira Agroecológica em Sananduva –RS

1.1 AGROECOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

Em um curto espaço de tempo, o modelo tradicional de produção começou a perder espaço pelo processo de modernização da agricultura, baseado em tecnologias de alto custo, com o uso de agrotóxicos, fertilizantes químicos sintéticos, sementes híbridas, mecanização com foco na maior produção para acabar com a fome no mundo. Essa mudança traz consequências como a degradação ambiental e a perda da biodiversidade. Conforme Altieri (2004), a monocultura cresceu de maneira drástica em todo o mundo, principalmente através de expressão geográfica anual das lavouras dedicadas a cultivos individuais. A monocultura implica na simplificação da biodiversidade, dando como resultado final um ecossistema artificial que requer constante intervenção humana através do uso de insumos agroquímicos tornando o agricultor refém de um sistema que impõe um pacote de tecnologias que se aplica a diferentes situações, sem levar em conta as particularidades de cada propriedade.

No sentido de evitar a perda de biodiversidade, o uso de agrotóxicos, bem como a aplicação de fertilizantes químicos no solo e o uso de sementes híbridas surge a agricultura agroecológica como uma forma de cultivo agrícola visando o manejo ecológico do sistema e evitando os impactos dos recursos naturais. Nos preceitos da agricultura agroecológica a matéria orgânica é fundamental para a manutenção da micro e meso vida do solo. Neste sentido a produtividade

de um solo é dada pelos processos de decomposição da matéria orgânica no solo (PRIMAVESI, 1979).

Apesar da agricultura agroecológica ser uma das formas de produção agrícolas promissoras para a qualidade dos agroecossistemas as dúvidas e inseguranças a cerca deste tipo de produção ainda perduram naqueles que produzem desta forma. Carvalho (2005), propõem que ao aderir a uma nova forma de produção agrícola o agricultor passa a viver impasses e se defronta com incessantes desafios e expectativas. Desta forma, faz-se necessário maiores estudos na divulgação e na criação de sistemas de produção que busque maior sustentabilidade na produção de alimentos.

Nesta perspectiva, para Muller (2000) a agricultura moderna leva os sistemas de produção a uma especialização cada vez maior, nela, os processos de produção costumam ser analisados isoladamente, entretanto, na agricultura ecológica busca-se a inter-relação entre todos os fatores. A visão sistêmica permite analisar e entender a propriedade como um todo, de forma dinâmica, onde estão presentes e se relacionam componentes físicos, químicos e biológicos; nesta conjuntura a propriedade é parte de algo maior, que por sua vez faz parte do ecossistema de todo o planeta.

Dessa maneira, a agroecologia traz uma nova abordagem da agricultura, integrando diversos aspectos ecológicos, ambientais, culturais e socioeconômicos, na avaliação dos efeitos das técnicas agrícolas sobre a produção de alimentos e na sociedade como um todo, buscando manejar de forma equilibrada o solo e demais recursos naturais, conservando-os a longo prazo e mantendo a harmonia desses elementos entre si e com os seres humanos.

Os países em desenvolvimento, na visão de Altieri, (2004) deveriam proporcionar um modelo agroecológico com ênfase na biodiversidade, na reciclagem de nutrientes, na sinergia entre cultivos, animais, solos e outros componentes biológicos, assim como na regeneração e conservação dos recursos naturais.

Outro importante aspecto do sistema de produção agroecológica é poder dispensar o uso de insumos sintéticos, adotar prática de rotação de cultivos, reciclagem de resíduos orgânicos, adubos verdes, rochas minerais, manejo e controle biológico; procurando manter a fertilidade do solo para atender as exigências nutricionais das plantas. Além de ser um sistema preocupado em produzir uma alimentação saudável com características e sabor originais, procurando atender as expectativas do consumidor, e buscando a qualidade de vida, evitando danos à saúde do agricultor do consumidor orgânico e do meio ambiente (PENTEADO, 2003).

O fortalecimento da Agroecologia se faz necessário, no momento em que se percebe um aumento significativo da contaminação de agricultores e de consumidores, causado pelo uso de

produtos agroquímicos nas plantações. Em função de um maior nível de informação da sociedade, a partir de entidades e meios de comunicação esta consciência vem aumentando, fortalecendo a procura pelo alimento ecológico que seja produzido com respeito ao meio ambiente, sem exploração da mão de obra, sem uso de insumos químicos sintéticos.

Dessa forma, busca-se cada vez mais a prática do desenvolvimento sustentável, atendendo as necessidades da geração atual sem prejudicar as gerações futuras e a agricultura agroecológica pode ser um caminho a ser percorrido na busca da sobrevivência harmônica do ser humano com o seu planeta, de forma economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta. (MAZZOLENI e NOGUEIRA, 2006).

Não é sustentável um mundo sem a autonomia dos povos para decidirem o que comer, como cultivar, como distribuir e preparar os alimentos. Não é sustentável um mundo onde tudo vira mercadoria, inclusive as pessoas. Também não é sustentável um mundo onde haja opressão e exploração das mulheres. (ARL, 2007).

1.2 AGROINDÚSTRIA NO ASPECTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar, mantém a diversidade ao longo dos anos, porém nos dias atuais é importante o processamento de seus produtos, tendo como consequência agregar valor à produção e manter por períodos de entre safras, disponibilizando aos consumidores alimentos diferenciados e aos agricultores alternativas de renda.

Segundo Gomes e Prezotto, (2004), a agroindústria familiar é uma unidade de produção de pequeno porte, que transforma, beneficia ou industrializa a produção dos agricultores familiares, envolvendo e utilizando a mão-de-obra familiar, gerando novos produtos com maior durabilidade e valor agregado.

A agroindustrialização de produtos proporciona um maior desenvolvimento econômico às famílias, e aos municípios onde elas estão instaladas. O processamento da produção além de gerar renda para a família tem possibilitado a permanência dos jovens nas propriedades, transformando em um local de trabalho familiar. A implantação de agroindústrias é uma das alternativas econômicas para a permanência dos agricultores familiares no meio rural e para a construção de um novo modelo de desenvolvimento sustentável, que pensa o rural como um todo e não mais apenas a produção agrícola. Para os jovens essa é uma nova oportunidade para quem está se inserindo no mercado de trabalho, podendo aproveitar a infraestrutura existente na propriedade dos pais e obter uma boa renda e um nível de vida adequado. (Sabor do Brasil, 2004).

A agroindústria familiar trabalha com a mão de obra familiar e procura na transformação de seus produtos, manter o sabor original e características específicas das regiões de atuação.

1.3 BREVE HISTÓRICO DA FEIRA AGROECOLOGICA

Um dos fatores fundamentais para estímulo e resgate da produção sustentável de alimentos baseados na produção agroecológica, é o trabalho que o Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP) vem desenvolvendo na região, oportunizando conhecimento através de intercâmbios, oficinas teóricas e a assessoria técnica diretamente nas unidades de produção familiar.

No município de Sananduva o trabalho com agroecologia iniciou entre os anos de 1996 e 1997, onde um grupo de agricultores apoiados pelo movimento sindical resolveu participar do processo de formação em agroecologia e implementar algumas ações em suas propriedades, fato que motivou a criação da Feira Ecológica de Sananduva em 1998, como um espaço de comercialização direta e de relacionamento com o público urbano. Na Figura 1 tem-se um registro fotográfico da feira, objeto de estudo.

Figura 1. Registro fotográfico da Feira Ecológica de Sananduva



Fonte: autor (2016)

Com isso, criou-se a Cooperativa dos Produtores Orgânicos em Economia Solidária (COOPVIDA) para dar maior suporte as dinâmicas de comercialização dos alimentos agroecológicos e também parcerias com diversas entidades, consolidando-se o trabalho do CETAP como assessoria para a ampliação da agroecologia na região.

O CETAP é uma organização da sociedade civil – ONG, criada em 1986, com o objetivo de encontrar alternativas mais apropriadas aos agricultores familiares para promover o

desenvolvimento com sustentabilidade. A criação foi motivada pela percepção e necessidade de mudança de uma realidade na qual os problemas sociais na agricultura se tornavam cada vez mais graves.

Tais problemas, associados às questões ambientais de contaminação do solo, da água, dos alimentos e dos trabalhadores rurais, assim como a erosão genética, fragilizavam os agricultores familiares e assentados da reforma agrária que, preocupados, buscaram na criação do CETAP um espaço para a construção de uma outra proposta tecnológica, de organização da produção e de desenvolvimento rural.

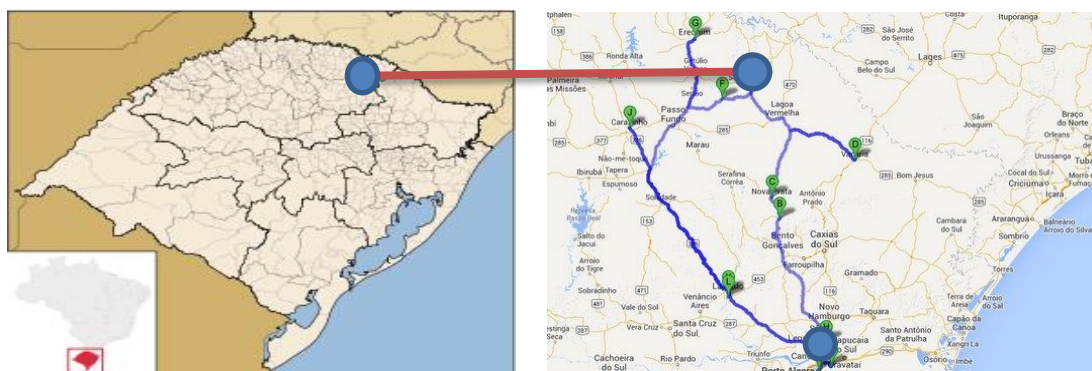
Alguns agricultores estão comercializando seus produtos a mais de 20 anos e possuem certificado de produto orgânico, com o selo de que lhes garante uma identidade de produto cultivado sem agroquímicos. Isso faz com que sejam aceitos em mercados e lojas de produtos agroecológicos, devido à credibilidade e a diferenciação em relação aos demais produtos. A certificação da produção ocorre de forma participativa através da Rede Ecovida de Agroecologia.

A Rede Ecovida de Agroecologia foi criada em 1998, como resultado de um processo de articulação de organizações e movimentos sociais, visando construir uma alternativa ao modelo de agricultura dominante no país. A rede é organizada em núcleos regionais espalhados pela Região Sul do Brasil. Cada núcleo reúne membros de uma microrregião com características semelhantes (um território rural). O trabalho congrega, aproximadamente, 200 grupos de agricultores, 20 organizações não governamentais (ONGs) e 10 cooperativas de consumidores. Desde a sua origem, a Rede Ecovida tem como pressuposto estabelecer formas de comercialização que priorizem a venda direta e/ou que reduzam ao máximo as intermediações (SANTOS; MAYER, 2007).

2 - METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com todos os agricultores familiares, ligados à feira ecológica do município de Sananduva – RS. O município está localizado na região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, distante 307 Km da Capital Porto Alegre, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2. Mapa de localização do Município de Sananduva – RS.



Fonte: Software Google Mapas.

A feira ecológica tem sua história na produção de alimentos livres do uso de produtos químicos sintéticos. Os agricultores fazem parte da COOPVIDA, que tem como enfoque a ampliação do escoamento da produção, através de programas sociais e circuitos de comercialização.

A produção diversificada proporciona alternativas variadas para que as famílias possam estar cultivando nas diferentes estações, como meio de garantir produção disponível para ser comercializada na feira durante todo o ano.

Assim realizou-se um levantamento de dados referentes às agroindústrias que comercializam seus produtos na feira, sendo um total de sete, dentre estas, uma trabalham com embutidos, duas trabalham com farinaceos, uma trabalham com leite, uma trabalha com abate de frango caipira, duas trabalham com conservas e açúcar mascavo. Destas seis agroindustrias são legalizadas pelo Serviço de Inspeção Municipal (SIM) e uma não é legalizada, pela falta de investimento em produção e dificuldade de mão de obra, pelo fato de que a propriedade esta com outros trabalhos sendo realizados.

Além das agroindustrias foi realizado a pesquisa com as demais oito famílias de agricultores familiares que realizam a feira no Município de Sananduva duas vezes por semana, sendo todas as quarta feiras a tarde e aos sábados pela parte da manhã. E como percebeu-se nas entrevistas essa forma de comercialização vem gerado renda satisfatória aos agricultores familiares, o que será demonstrado através de gráficos na seção dos resultados e discussões.

A metodologia consiste em um estudo de caso realizado na Feira Agroecológica de Sananduva / RS. Foram realizadas entrevistas, utilizando questionário semiestruturado com questões de múltipla escolha e questões abertas, com todos os agricultores que participam e comercializam semanalmente sua produção *in natura* e processados na referida feira. Conforme Gil (2006), estudo de caso é a coleta de dados geralmente feito por mais de um procedimento.

O objeto pode ser um indivíduo, um grupo, uma organização ou, até mesmo, uma situação (DENCKER, 2000).

Os dados aqui discutidos, posteriormente, foram obtidos através de visita *in loco*, registro fotográfico e levantamento de dados qualitativos e quantitativos no período de janeiro a abril de 2016. As questões da pesquisa abordam a produção com ênfase no produto agroecológico, e sua comercialização, as principais dificuldades entre outros aspectos. As informações e os dados obtidos foram então analisados estatisticamente, para buscar-se compreender a realidade existente.

Todos os agricultores entrevistados participam da feira ecológica no Município de Sananduva - RS. Além da feira, comercializam seus produtos em outros locais, como escolas (através do PNAE) Programa Nacional de Alimentação Escolar, restaurantes, supermercados, (PAA), Programa de Aquisição de Alimentos, por meio da COOPVIDA, ou através do circuito de comercialização da Rede Ecovida de Agroecologia.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

De modo geral os agricultores familiares estão cultivando uma diversidade de hortaliças significativa pelo fato de terem consolidado a feira como espaço de comercialização dos produtos agroecológicos, sendo fundamental a diversidade nesses espaços para que os consumidores tenham opções de compra. O grupo de feirantes possui uma dinâmica de se encontrar a cada dois meses num rodízio em todas as propriedades, o que possibilita além da integração com a família, poder avaliar a produção, troca de conhecimento e planejar a produção para a feira, além de outros assuntos que sejam interesse de todos.

3.1 PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS AGRICULTORES AGROECOLÓGICOS

Os agricultores que ainda não possuem certificado estão participando da feira há menos tempo e trabalhando para aderir à certificação, tendo mais credibilidade e poder de comercializar os produtos em diferentes espaços, ganhando mercados que exigem a comprovação de que sejam orgânicos e agregar maior valor aos produtos *in natura* e processados através de agroindústrias familiares. Alguns agricultores ainda possuem dificuldade em certificar toda a produção por falta de técnicas e tecnologias disponíveis para essa produção em larga escala.

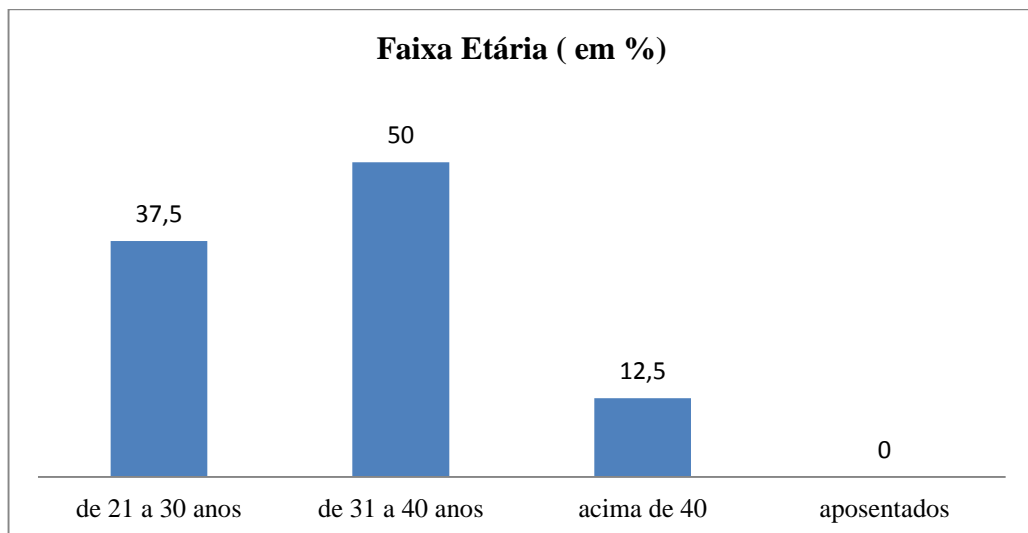
Mesmo com todos os entraves, os agricultores vêm ampliando e consolidando a produção e comercialização de seus produtos. Tendo as informações coletadas através de

questionários aberto, procurou-se abordar os dados referentes, a diversidade de produção que é comercializada, motivos que levou em produzir agroecológico, condição de posse da terra, limites em produzir de forma agroecológica, faixa etária, formas de comercialização, principal fonte de renda, frequência de vendas, ganho mensal, e a utilização de créditos agrícolas.

Ao analisar a idade dos agricultores familiares que comercializam na feira agroecológica de Sananduva, conforme Figura 3, observa-se no gráfico que 87,5% tem idade a baixo de quarenta anos. A continuidade da reprodução social da agricultura familiar, ou seja, os filhos e filhas assumirem o papel de agricultores e agricultoras nos tempos atuais merece uma atenção especial frente à nova conjuntura, visto a crise de sucessão que enfrenta a agricultura familiar.

Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), aproximadamente oito milhões de jovens brasileiros, com idade entre 18 e 29 anos, residem no meio rural. (PEREIRA, 2015).

Figura 3. Dados relativos a faixa etária.



Fonte: autor (2016)

Confirmada pela análise estatística dos dados de todos os entrevistados obtendo, como idade média de 32,13 anos com erro padrão de 3,48 onde o entrevistado com menor idade 22 anos e de maior idade 53 anos.

Também com relação ao tamanho da propriedade, os resultados estatísticos mostram que em média cada agricultor familiar possui 5,33 ha, com um desvio padrão de 3,34 ha, onde o produtor com maior propriedade dispõe de 11,6 ha e o de menor propriedade dispõe de 1,34 ha, para o cultivo.

Em média cada grupo familiar conta com 3,38 membros que trabalham na produção de agroecológicos por propriedade, com uma variação de 2 a 6 pessoas entre os que contam com

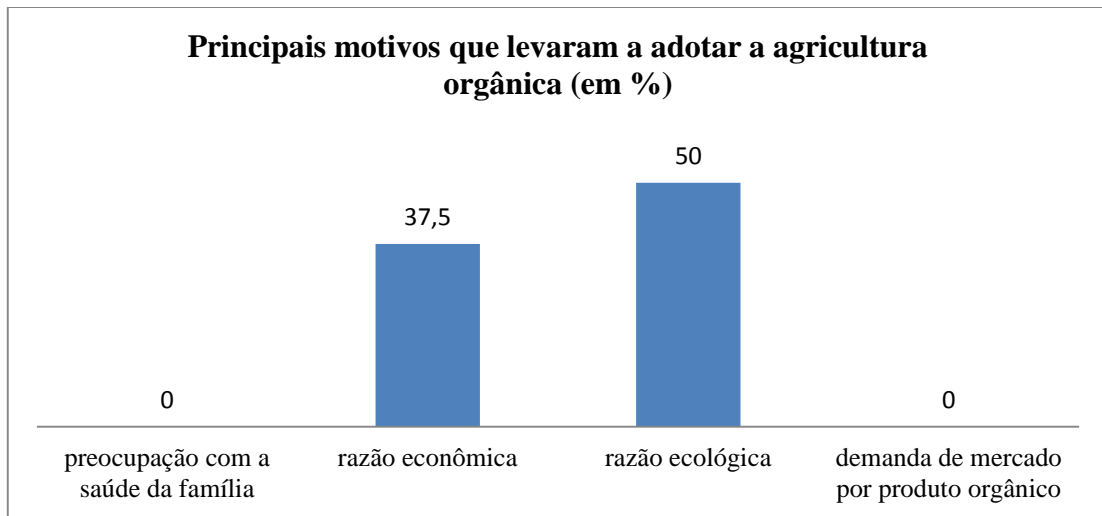
menos e mais pessoas da família. E que já trabalham a 9,5 anos em média, com a produção orgânica ou agroecológica, com desvio padrão de 6,84 anos, o que demonstra uma variabilidade de no mínimo 1 ano e no máximo 20 anos na atividade, assim tem-se agricultores familiares que estão ingressando na produção destes alimentos e outros com experiência na atividade.

Quanto à distância da propriedade ao local de comercialização tem-se agricultores familiares de Sananduva e de Santo Expedito do Sul, os resultados demonstraram que em média as propriedades estão a 13,25 quilômetros de distância, com desvio padrão de 6,78 quilômetros, o agricultor familiar mais próximo está a 7 quilômetros e o mais distante encontra-se a 23 quilômetros do centro de comercialização, ou seja, da feira agroecológica.

Em relação ao período de comercialização, o resultado foi unânime 100% dos entrevistados realizam a venda semanalmente. Esta frequência possibilita aos agricultores renda semanal e produtos de qualidade aos consumidores. A comercialização é feita pelos próprios agricultores, sendo que os produtos ficam todos junto, não sendo identificado ao consumidor de quem está adquirindo o produto, isso segundo os agricultores possibilita aos mesmos produzirem produtos com qualidade para que os próprios clientes possam estar adquirindo seus produtos. Um modelo que vem dando certo com a construção de um regimento, onde estão escritas as normas para que os feirantes possam seguir e se orientar.

Percebe-se que um dos principais motivos na adoção da produção orgânica reflete as questões ecológicas, respeito ao meio ambiente, que é o principal fator de produção. Como se vê na Figura 4 os dados estatísticos mostram que 50% dos agricultores entrevistados adotaram a agricultura orgânica por razões ecológicas. E 37,5% adotaram por razões econômicas. A agroecologia é um caminho que se constrói ao caminhar, onde o novo é também o caminho percorrido para atingi-lo, em um processo de construção permanente. À medida que vai se acumulando experiências a mesma vai sendo incorporada e vivenciada na prática do dia a dia (ARL, 2007).

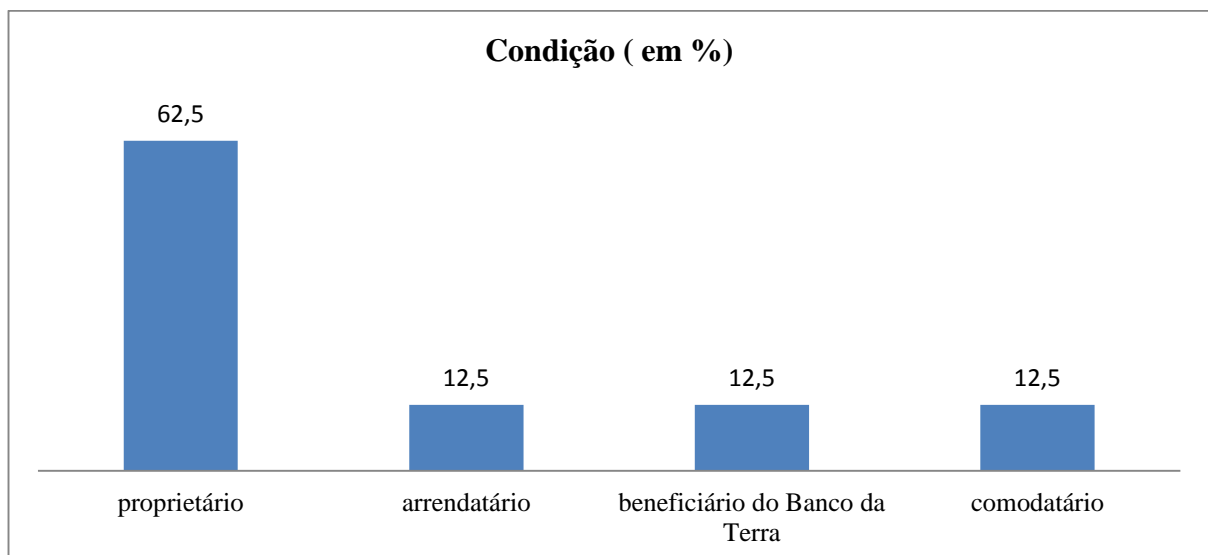
Figura 4. Dados relativos à adoção da agroecologia.



Fonte: autor (2016)

Na Figura 5, têm-se os dados referentes à condição do uso da terra, onde 62,5% dos agricultores entrevistados são proprietários, 12,5% são arrendatários, 12,5% são beneficiários do Banco da Terra e 12,5% são comodatários. Esses dados não são muito diferentes da realidade da Agricultura Familiar Brasileira, que segundo os dados do Censo Agropecuário 1995 / 1996 demonstram que 74,6% são proprietários, 5,7% são arrendatários, 6,4% são parceiros e 13,3% são ocupantes. (CARVALHO, 2005).

Figura 5. Dados relativos posse da terra.

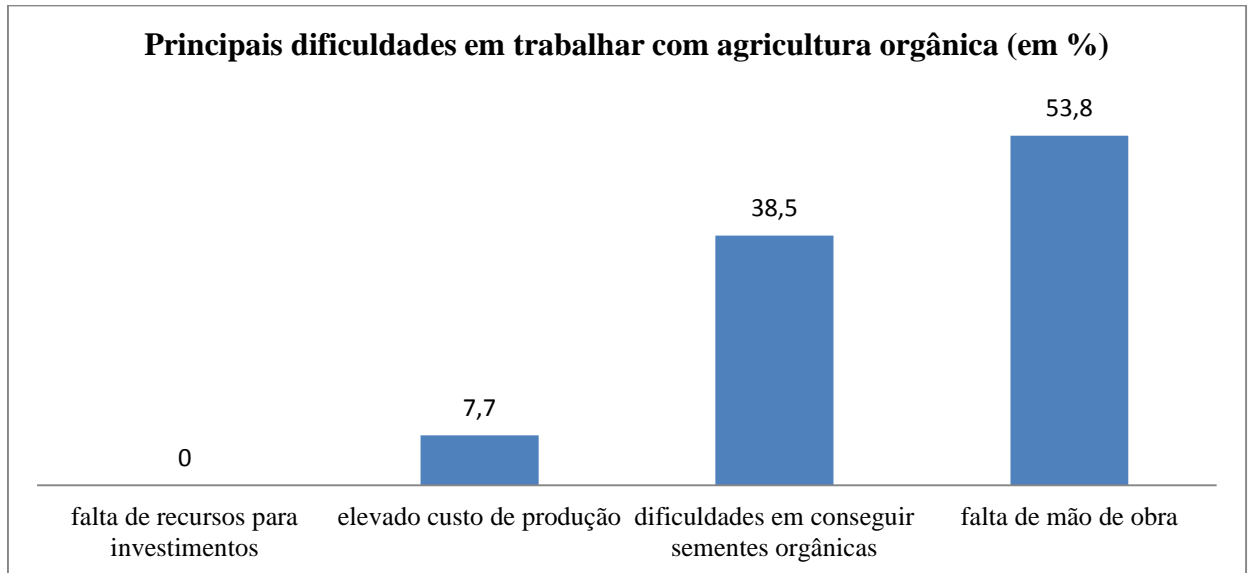


Fonte: autor (2016)

Conforme dados da Figura 6 para os agricultores familiares entrevistados 53,8% tem como principal dificuldade em trabalhar com a agricultura orgânica a falta de mão de obra.

38,5% vem como dificuldade o acesso a sementes orgânicas, 7,7% tem como dificuldade o elevado custo de produção. Estes fatores sem dúvida tem limitado o aumento da produção, fruto de um modelo em que não prioriza a agricultura orgânica.

Figura 6. Dados relativos a dificuldade de produzir agroecológico.

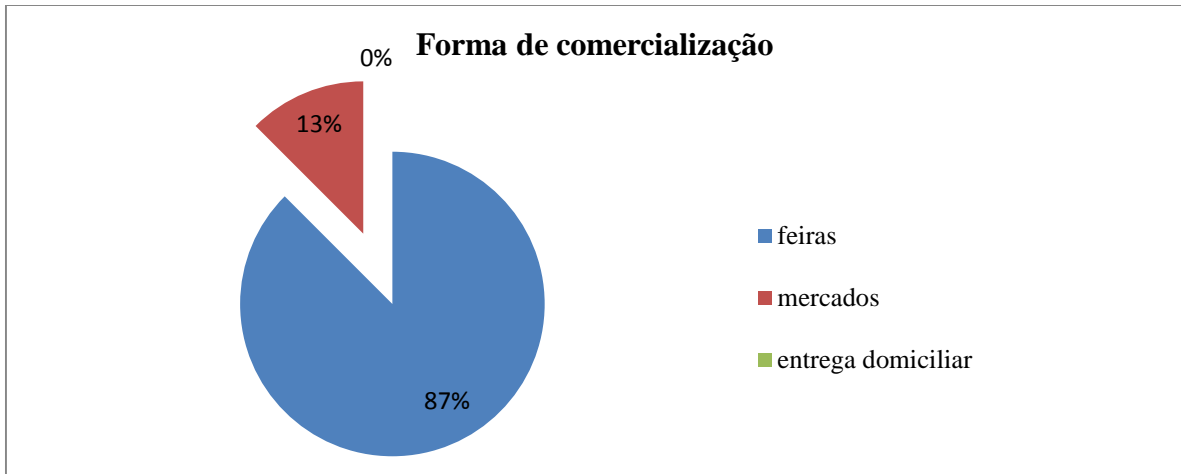


Fonte: autor (2016)

Mesmo com todos os avanços na produção e comercialização os agricultores esbaram em alguns fatores que se tornam limitantes para manter e/ou aumentar a produção. A falta de mão de obra aparece como fator limitante para todos os entrevistados, resultando na pouca produção para suprir mercados em grande escala, aliado a falta de crédito específico/diferenciado e a dificuldade em acessar recursos. Para outros agricultores o entrave está também na falta de assistência técnica, e políticas públicas específicas.

Com relação à forma de comercialização, os agricultores têm apostado fortemente na comercialização de seus produtos direto ao consumidor, conforme a Figura 7 nos mostra que 87% dos agricultores entrevistados comercializam seus produtos em feiras, 13% comercializam seus produtos em outros mercados. As feiras agroecológicas tem sido o espaço de relação onde possibilita o contato direto entre agricultores e consumidores, causando assim uma maior confiança entre os envolvidos, além dos produtos serem comercializados sem a interferência de atravessadores, que na maioria das vezes acabam ficando com a maior parte do lucro.

Figura 7. Dados relativos à comercialização.

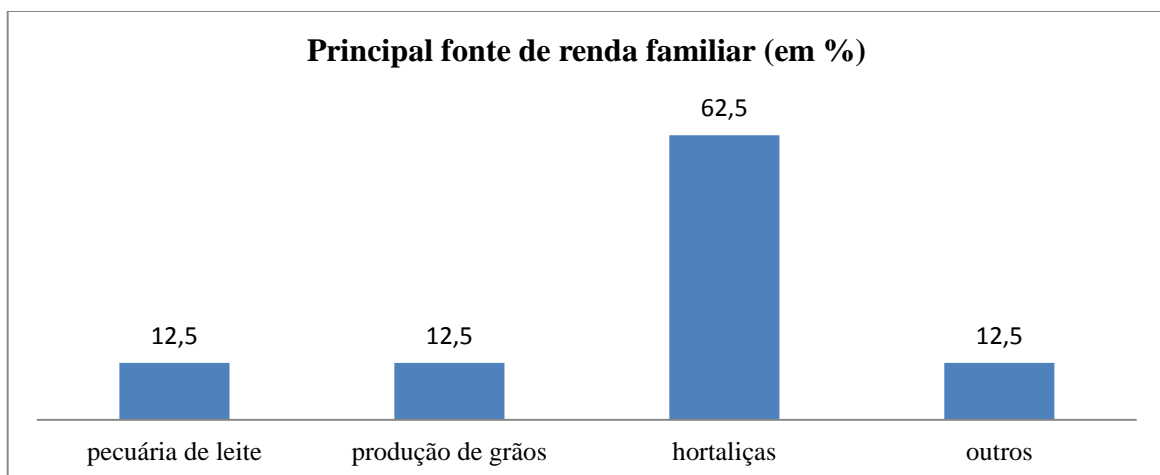


Fonte: autor (2016)

Pesquisado sobre a renda obtida com a comercialização dos produtos agroecológicos, percebe-se em destaque que se encontram as hortaliças, por ser de mais fácil cultivo, e principalmente segundo os entrevistados por proporcionar retorno econômico em menor tempo. Conforme a Figura 8, 12,5% dos agricultores entrevistados tem como renda principal a pecuária leiteira, 12,5% sua renda baseada na produção de grãos, 62,5% obtém a renda através de hortaliças e 12,5% de outros cultivos.

Segundo Altieri (1998) nos agroecossistemas tradicionais, a predominância de sistemas de cultivo complexos e diversificados é de suma importância para os agricultores, na medida em que as interações entre plantas cultivadas, animais e árvores resultam em sinergismo benéficos que permitem aos agroecossistemas promover sua própria fertilidade de solo, controle de pestes e produtividade.

Figura 8. Dados relativos a renda.

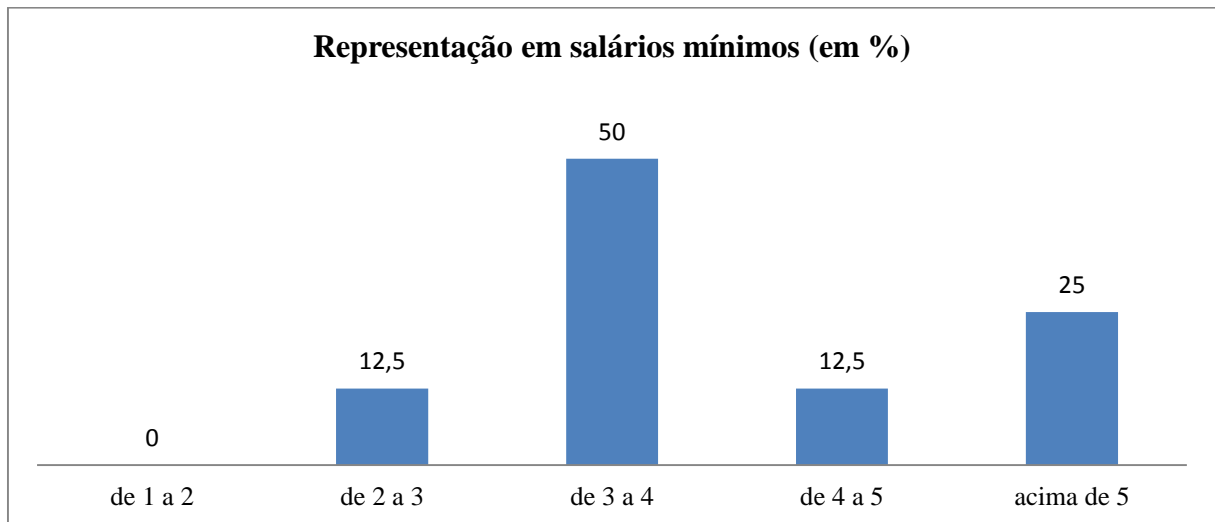


Fonte: autor (2016)

Na Figura 9, pode-se verificar que a comercialização dos produtos orgânicos, vem dando um retorno financeiro significativo para as famílias. Conforme os agricultores entrevistados 12,5% tem um ganho em salário mínimo de dois a três salários, 50% tem um ganho de três a quatro salário, 12,5% de quatro a cinco e 25% tem um ganho acima de cinco salários mínimo por mês.

Estes dados podem aumentar, no momento em que os feirantes possam estar aumentando sua produção, principalmente os cereais que tem sido uma dificuldade, pela falta de conhecimento e tecnologias disponíveis para a produção agroecológica, outra está associada à dificuldade de encontrar sementes adequadas para a produção, o controle de plantas indicadoras e o próprio armazenamento é um dos limitantes ao aumento desses cultivos.

Figura 9. Dados relativos a salario mínimos.



Fonte: autor (2016)

Segundo os agricultores, o recurso financeiro através de políticas públicas tem facilitado o investimento na produção agroecológica, principalmente na construção de espaço de produção protegido, esse sistema que tem garantido na maioria dos agricultores a possibilidade de produção com frequência e em escala para atender a demanda dos consumidores.

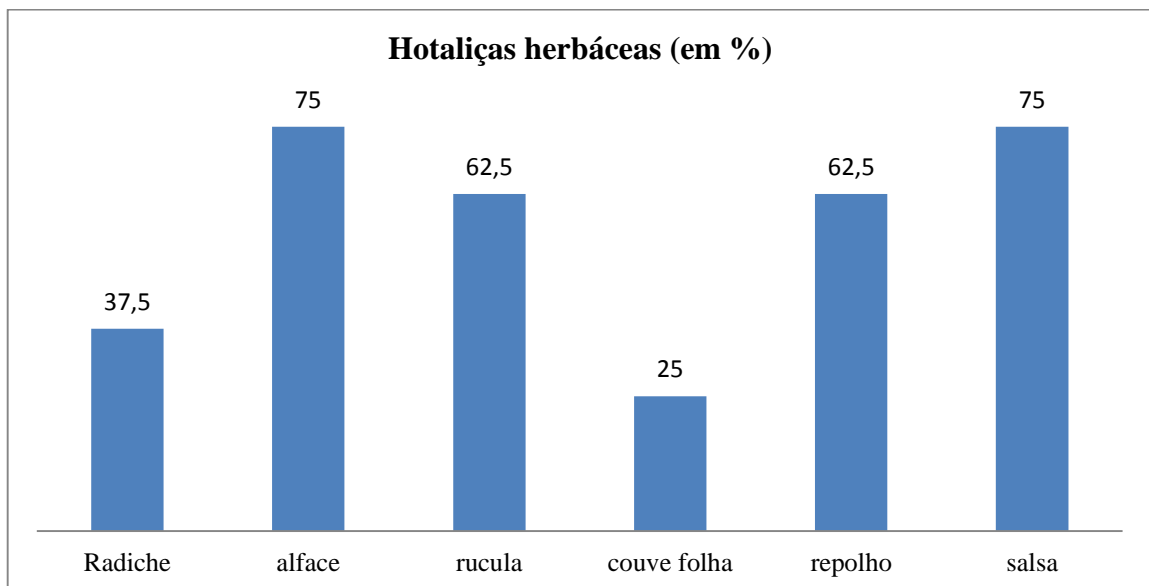
3.2 DIVERSIDADE NA PRODUÇÃO *IN NATURA*

As hortaliças constituem um grande grupo de plantas alimentares que se caracterizam pelo seu sabor e alto valor nutritivo, principalmente pela presença das vitaminas e dos sais minerais que são nutrientes imprescindíveis à regulação do metabolismo. Quanto à produção dividiu-se em hortaliças herbáceas, frutos, legumes, bulbos e tuberosas. Com relação às hortaliças herbáceas que compreende vegetais cujas partes consumidas estão acima do solo. E

que fazem parte deste grupo as folhas de alface, almeirão, repolho, flores como a couve-flor, alcachofra e brócolis.

Dentre os agricultores entrevistados 37,5% produzem radiche, 75% produzem alface, 62,5% produzem rúcula, 25% produzem couve folha, 62,5% produzem repolho e 75% dos entrevistados produzem salsa. Na Figura 10 percebe-se que as culturas da alface e salsa se destacam na produção, isso está relacionado ao período de cultivo e o retorno financeiro, a alface tem uma média de trinta e cinco a quarenta dias no seu ciclo de cultivo, possibilitando retorno econômico num curto período de tempo. E a salsa que tem seu ciclo anual.

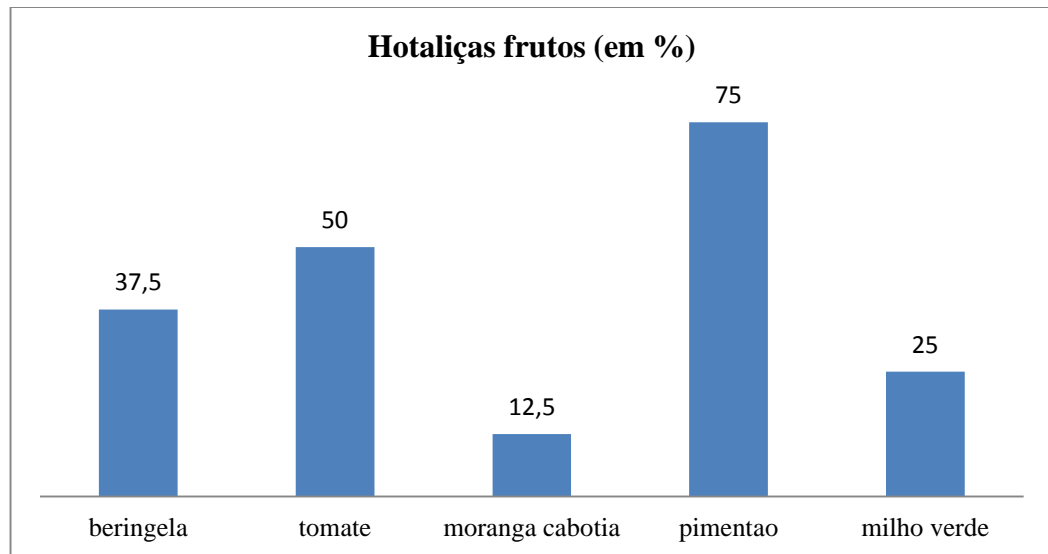
Figura 10. Dados relativos a porcentagem de produtos herbáceos produzidos.



Fonte: autor (2016)

Nas hortaliças do tipo frutos, compreendem vegetais cujas partes aproveitáveis para o consumo são os frutos. Fazem parte deste grupo de hortaliças as melancias, os quiabos, as ervilhas, os pimentões, os tomates, os jilós, entre outros. Na Figura 11 ilustra-se que os agricultores entrevistados 37,5% deles cultivam berinjela, 50% produzem tomate, 12,5% produzem moranga cabotia, 75% produzem pimentão, 25% produzem milho verde. Tem-se em destaque o cultivo do pimentão, que tem sido uma cultura de fácil cultivo no sistema agroecológico e o tomate que apesar de exigir mais cuidado no seu cultivo, tem um retorno econômico significativo aos agricultores que cultivam.

Figura 11. Dados relativos a porcentagem de produtos à base de fruto produzidos.

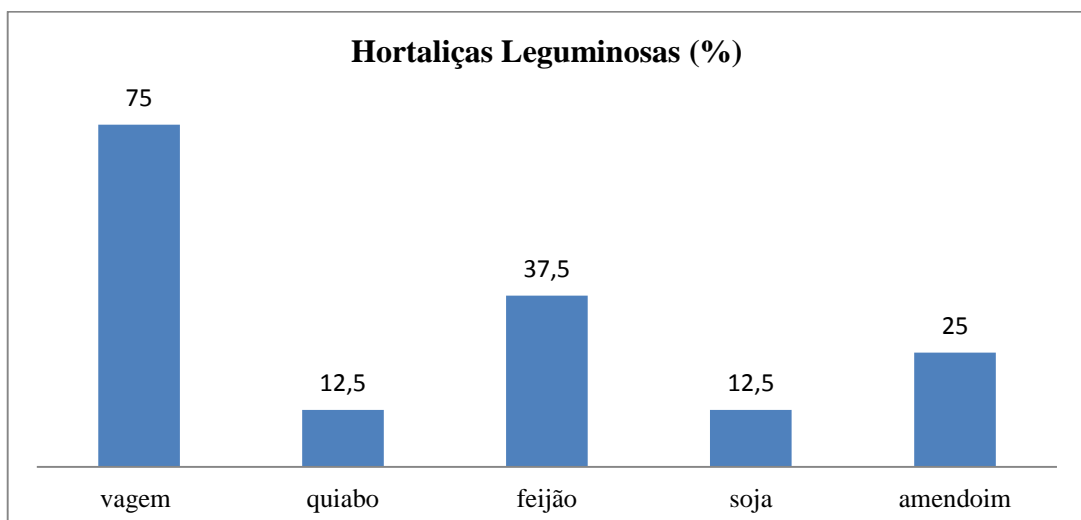


Fonte: autor (2016)

Na Figura 12, têm-se os dados referentes às hortaliças, legumes os agricultores entrevistados tem como produção 75% deles cultivam vagem, 12,5% produzem quiabo, 37,5% produzem feijão, 12,5% cultivam soja e 25% amendoim.

Este grupo alimentar passa por momento de dificuldade, sabendo de sua importância para a alimentação. Percebe-se que apenas alguns cultivares vem se destacando na produção, e a grande diversidade de espécies acabam perdendo espaço nas propriedades dos agricultores familiares.

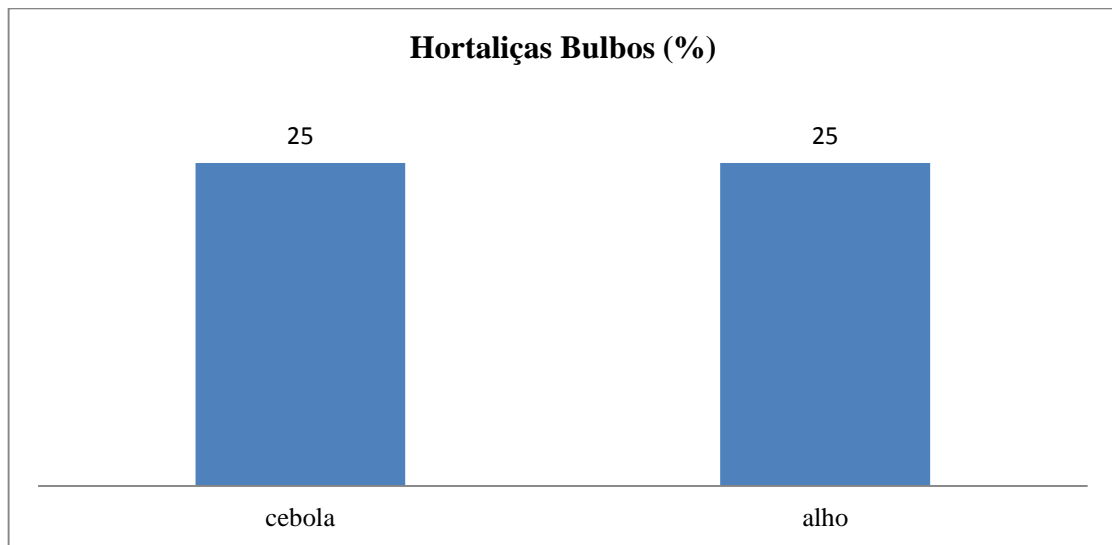
Figura 12. Dados relativos à porcentagem de leguminosas



Fonte: autor (2016)

A Figura 13 apresenta a relação das hortaliças-bulbo cultivadas pelos agricultores familiares, dos quais apenas 25% produzem alho e cebola. O bulbo é um órgão subterrâneo especializado, constituído de um caule curto, grosso que tem em seu ápice um meristema ou primórdio encoberto por escamas, às vezes, carnudas. Em hortaliças temos duas classes de bulbos, o bulbo tunicado, que ocorre em cebola de cabeça e bulbo composto que ocorre em alho.

Figura 13. Dados relativos à porcentagem de hortaliças tipo bulbo



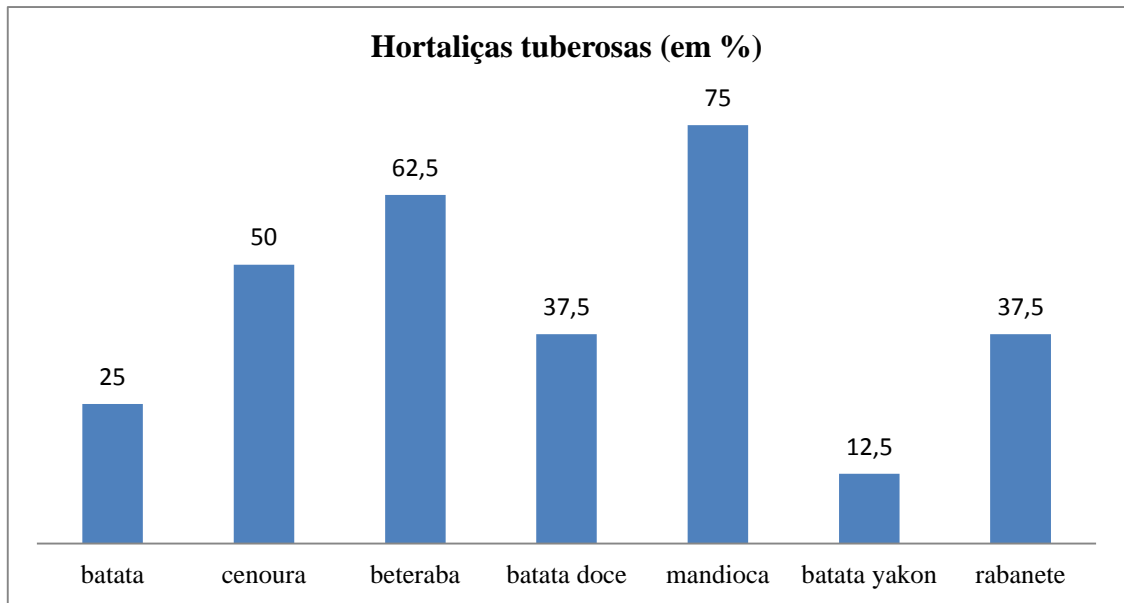
Fonte: autor (2016)

Hortaliças tuberosas, as partes consumidas crescem dentro do solo. Fazem parte deste grupo os tubérculos como cará e batata-doce, raízes tuberosas como as cenouras e beterrabas, e rizomas como os inhames.

Neste grupo alimentar os agricultores entrevistados tem se desafiado em cultivar uma boa diversidade. 25% produzem batata inglesa, 50% produzem cenoura, 62,5% produzem beterraba, 37,5% produzem batata doce, 75% produzem mandioca, 12,5% produzem batata yacon e 37,5% produzem rabanete.

Na Figura 14, se percebe que os dados pesquisados são relevantes para a diversidade. Mas a transformação da estrutura produtiva brasileira aliada a perda da diversidade motiva ainda mais a trabalhar-se no resgate e multiplicação de nossa diversidade produtiva.

Figura 14. Dados relativos a porcentagem de produtos tuberosos produzidos.



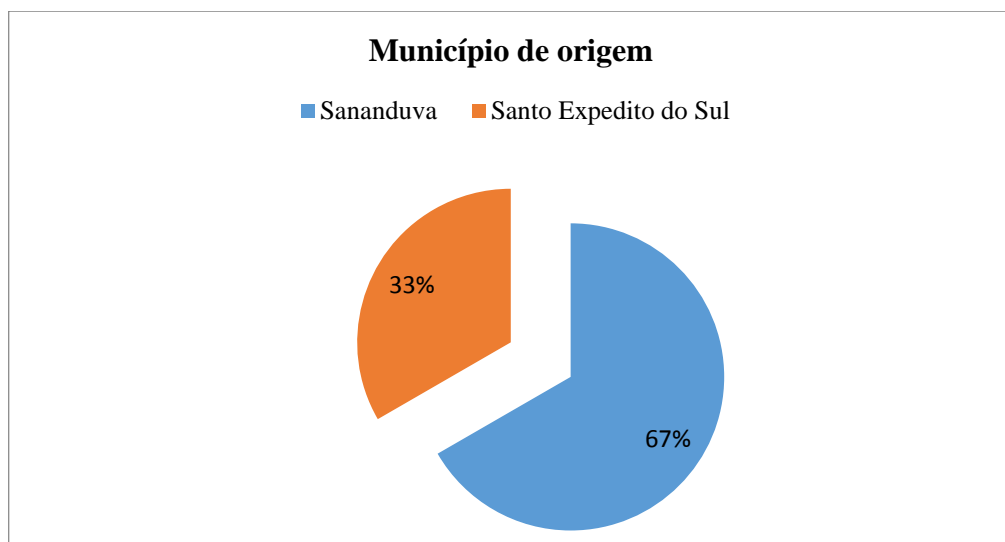
Fonte: autor (2016)

Na maioria existe a dificuldade de se manter a diversidade por problemas de contaminação com outras espécies, por sementes transgênicas além da dificuldade de mão de obra familiar.

3.3 AGROINDÚSTRIAS NA FEIRA AGROECOLÓGICA

Quanto às agroindústrias que participam da comercialização na feira agroecológica de Sananduva conforme a Figura 15 percebe-se que 67% das agroindústrias são de Sananduva e que 33% são de município vizinho.

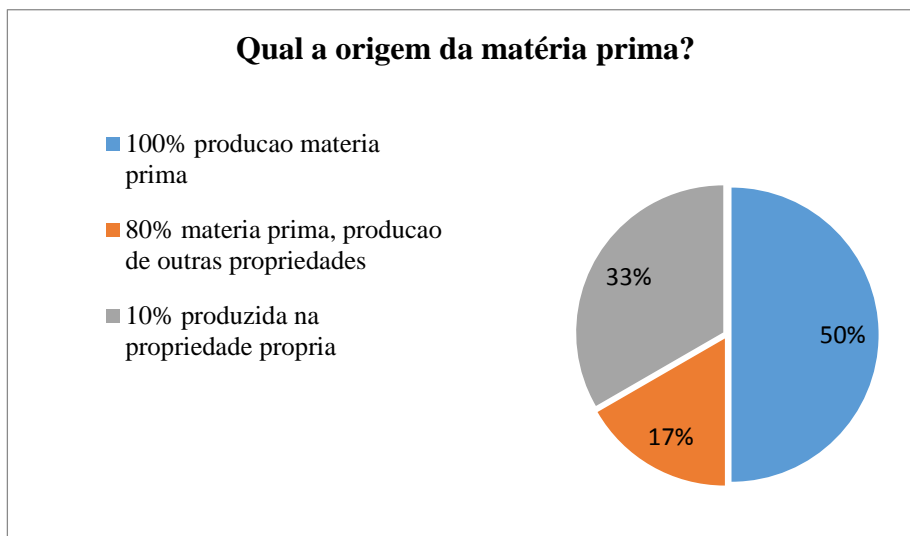
Figura 15. Município de origem da Agroindústria.



Fonte: autor (2016)

Quando questionados sobre a origem da matéria prima processada, 50% confirma que 100% da matéria prima utilizada são provenientes da própria propriedade, conforme ilustra a Figura 16, e que apenas 17% dos entrevistados buscam fora de suas propriedades 80% das matérias primas. Dentre as matérias primas utilizadas nas agroindústrias familiares se destacaram a uva, cana-de-açúcar, tomate, pepino, mandioca, leite, farinha de trigo, ovos frango, moranga, milho verde, figo e farinha de trigo.

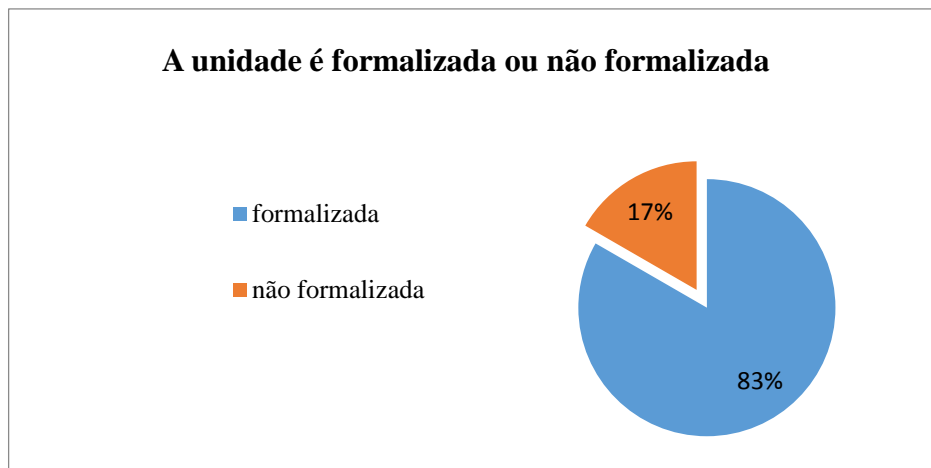
Figura 16. Origem da matéria prima.



Fonte: autor (2016)

A formalização da agroindústria corresponde a 83% do total das que comercializam seus produtos na feira, conforme a Figura 17, ainda segundo os agricultores o entrave se dá pela questão da falta de conhecimento sobre legislação.

Figura 17. Formalização da Agroindústria.



Fonte: autor (2016)

Para 100% dos produtores o processamento dos produtos contribui de forma significativa para a renda das famílias, com uma renda média anual de R\$ 37.183,33 por agroindústria, tornando-se uma forma de agregar valor ao produto comercializado em feira agroecológica. Todos relatam que os equipamentos e instalações de que dispõem são adequados, porém, necessitam de mão de obra para ampliação, o que de fato pode ser considerado como um dos fatores para a permanência dos jovens é na agregação de renda que as famílias irão ter com a produção agroecológica. Além do diálogo que a família precisa ter na responsabilidade dos trabalhos e na divisão dos lucros.

4 – CONCLUSÕES

O modelo agrícola baseado na sustentabilidade, como é o caso do sistemas agroecológico, baseado na preservação do meio ambiente e na valorização dos agricultores são uma necessidade atual, gerando crescente interesse da sociedade e, em especial, da pesquisa agropecuária. Nesse sentido, estudos relacionados a esse tema têm causado interesse da comunidade acadêmica. Nos últimos anos tem sido crescente a demanda por produtos agroecológico, sendo o mercado desses produtos bastante expressivo.

Em função dos resultados obtidos, pôde-se concluir que a certificação é um documento importante na relação de venda em outros espaços de comercialização, mas a ética e o respeito que o agricultor agroecológico adquire em todos os espaços de formação, cria a segurança que o consumidor necessita. A pesquisa não tem como pretensão esgotar o assunto, mas os dados servirão para potencializar as ações de defesa e resgate da biodiversidade a serem desenvolvidas junto aos agricultores, como forma de agregar valor aos produtos processados pelas agroindústrias familiares e posteriormente comercializados na feira agroecológica, assim, como os produtos *in natura*.

Percebeu-se a importância da comercialização direta na feira agroecológica dos produtos *in natura*, direto da plantação, como dos produtos processados agregando valor quando da entre safra, possibilitando renda para os agricultores familiares. Dessa forma viabilizando o desenvolvimento das propriedades e tornando possível a sucessão familiar das mesmas. Baseado nisso e com um olhar diferenciado do sistema de produção das relações de cultivo, com respeito ao solo as plantas, as sementes, ao agricultor e consumidor o grupo de agricultores ecologistas, vem trabalhando e comercializando seus produtos semanalmente numa relação direta com os consumidores na feira agroecológica de Sananduva.

ABSTRACT:

This paper is the result of a specialization course of research on Family Agriculture and Sustainable Development, the State University of Rio Grande do Sul (UERGS), this study was done by realizing that the search for quality of food has driven the market products green, growing each year against the economic crisis scenarios. Despite an also growing interest of academia in knowing more about the ecological food production and its benefits to health, the environment and food diversity, few studies have sought to understand and characterize the diversity of ecological production, a fact that led us to map the production of food diversity produced by family farmers who are in the area of operation of the Centre for Alternative Technology and Popular (CETAP) and the municipality of Sananduva - RS, as action. That survey was conducted from January 2016 to April 2016, containing the data of 8 working families with agroecology and 7 families with agribusiness and market their products in the ecological fair Sananduva. visits were made to farmers who work with agroecology, applying a semi-structured questionnaire with multiple choice questions and open, approaching the age of farmers, major difficulties in working with agroecology, diversity in naturas products among other features. The results show that ecological production is focused only for marketing on a small scale. The main selling point of these products is the ecological fair. We noticed a significant growth in demand for green food, which has attracted and challenged farmers to increase their production and available to other market dynamics.

Keywords: Agroecology. Sustainability. Agroecology Fair. Family farming.

REFERENCIAS

ALTIERE, Miguel. Biotecnologia Agrícola, Mitos Riscos Ambientais e Alternativas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2004.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

ARL, Valdemar. Uma identidade que se constrói em rede. Caderno de formação da Rede Ecovida. Lapa – PR. Junho de 2007.

CARVALHO, d. M. H. O Campesinato no Século XXI. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

Censo Agropecuário .CPP (Consultoria em Políticas Públicas). Resultados do Censo Agropecuário 1995-1996. Belo Horizonte, 1994.

DENKER, A, de F.M.; Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. 4 ed. São Paulo: Futura, 2000

GIL, A.C.; Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006

GOMES E J.; PREZOTTO, LL.; Cartilha de orientações para implantação de agroindústrias familiares. Modulo 1. Chapeco / SC. 2004.

MAZZOLENI, E. M.; NOGUEIRA, J. M. Agricultura Orgânica: Características Básicas do seu Produtor. RER, Rio de Janeiro, Vol. 44, Nº 02, 2006.

MULLER, M. A. Agroecologia Aplicada, Práticas Práticas e Métodos para uma Agricultura de Base Ecológica. Porto Alegre: EMATER/RS, 2000.

PENTEADO, S. R. Introdução a Agricultura Orgânica. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

PEREIRA A. S.; Formação em Gênero: Desafios para a assessoria agroecológica. Centro Vianei de Educação Popular; 2005.

PRIMAVESI, A. Manejo Ecológico do Solo. 9º ed. São Paulo, SP: Livraria Nobel S.A. 1979.

SABOR de Brasil. Programa de Agro industrialização da Produção dos Agricultores Familiares–2003/2006. In http://pronaf.gov.br/agroindustria/documentos/doc_referencial-06-2004.doc.

SANTOS, L.C.R. dos; MAYER, A experiência da Rede Ecovida de Agroecologia no sul do Brasil. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 2, n. 2, out. 2007.